



A AUTOESTIMA, A AFETIVIDADE E A RELAÇÃO COM O SABER¹

SELF-ESTEEM, AFFECTIVITY, AND ITS RELATIONSHIP TO KNOWLEDGE

Adriane Gomes Tognolo²
Renata Maria Moschen Nascente³

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar o papel da escola e, principalmente do professor, no desenvolvimento psicossocial dos alunos, por meio das relações sociais, da afetividade, e os seus impactos na construção da autoestima e sua relação com o saber. O estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, pela qual pude compreender que a autoestima é um fator essencial para a aquisição de novos conhecimentos, pois possibilita a construção do protagonismo juvenil pelos reforços positivos, já que fatores emocionais e afetivos estão presentes em sala de aula. Nesse processo, os professores necessitam estimular os estudantes a superarem barreiras emocionais e criarem uma imagem positiva de si mesmos. É notável, então, a existência dos impactos da autoestima nas relações com o saber, sendo um componente primordial que precisa ser valorizado na educação escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Autoestima, Relação com o saber, Afetividade, Educação escolar.

ABSTRACT: The objective of this paper is to analyze schools' role, focusing mainly on teachers', on the psychosocial development of students, through social relationships, affectivity, and their impact on the construction of self-esteem and its connection to knowledge itself. This study was developed by the means of bibliographical research, and through this methodology, I could understand that self-esteem is an essential part of knowledge acquisition, working by building youth protagonism and positive reinforcement, once emotional and affective factors are present in the classroom. For this process, teachers must encourage students to overcome emotional barriers and create a positive image of themselves. It's possible to notice, then, the existence of the impacts of self-esteem when it comes to knowledge, thus being considered a priority component to be valued in any educational process.

KEYWORDS: Self-esteem, Connection to knowledge, Affectivity, School, Education

¹ Este texto refere-se ao resultado de pesquisa realizada no âmbito do Curso de Especialização Lato Sensu: “Escola Pública: Relações com o saber que afetam projetos de vida e de trabalho”, oferecido pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar em parceria com a Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia do Município de Hortolândia, SP.

² Educadora Infantil da Rede Pública Municipal de Hortolândia, SP; adrianegtognolo@gmail.com

³ Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. E-mail: renatanascente@ufscar.br



INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios para os profissionais da área da educação é formar alunos protagonistas de suas aprendizagens, aptos a enfrentar os obstáculos da vida na era da globalização, na qual somos bombardeados e temos acesso fácil a muitas informações, nem sempre confiáveis, e em que as mudanças estão cada vez mais aceleradas.

Esse novo cenário tem modificado drasticamente as relações humanas que, desde a primeira infância, são de suma importância para o desenvolvimento biopsicossocial, impactando na construção da identidade do sujeito. Isso ocorre principalmente porque o desenvolvimento humano não fica restrito somente ao âmbito cognitivo, mas também e, principalmente, em aspectos afetivos.

O convívio com outros se inicia no ambiente familiar e, a partir daí, estende-se a outros grupos sociais, a exemplo da escola. A sala de aula é um dos ambientes que deve favorecer o desenvolvimento do aluno em sua integralidade, deve ser um espaço acolhedor e não discriminatório e classificatório, onde alunos ditos mais inteligentes têm mais valor e mais oportunidades.

Para Saltini (2008, p. 51), escutar uma criança, também é educar. “A educação deve ser pensada não pelas suas disciplinas, mas principalmente como meio de promover a própria vida, apropriando-se dela com as próprias mãos”.

Charlot (2000) realizou importantes estudos sobre as relações com o saber e o fracasso escolar que, em sua concepção, não existe, mesmo validando os fenômenos por trás dessa ótica. Para ele, o que existe e deve ser colocado em pauta são alunos em situação de fracasso, que acarreta a desvalorização da imagem de si.

Toro (2019) defende em seu trabalho as competências para o futuro e destaca a importância de desenvolver nos alunos a autorregulação, o autoconhecimento e a autoestima.

Nesse contexto, é importante entendermos e buscarmos responder: como a escola pode contribuir para a formação da identidade do aluno, sobretudo da sua autoestima, com base nas relações sociais, da afetividade e do papel do professor e como essa característica emocional interfere na construção de novas aprendizagens em sala de aula e na relação com o saber?

Tendo isso em vista, o objetivo deste artigo é compreender como a escola e os seus agentes podem contribuir na construção da autoestima do aluno e os possíveis benefícios refletidos na vida escolar, para que favoreça seu aprendizado, protagonismo e relação com o saber.

O PAPEL DA ESCOLA E DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS

A escola é uma organização com a finalidade de socializar e democratizar o acesso ao aprendizado, através dos docentes para os discentes, desenvolvendo o



indivíduo em seus aspectos biopsicossociais e cognitivos. Este espaço também possui a função de promover a construção moral e ética nos estudantes.

De acordo com Kenski (2003, p. 49), “o espaço da escola é mágico. Nele se realiza o milagre permanente do aprender e do abrir-se para o mundo”. Ela ainda ressalta que mesmo quando a escola está fechada, ela emana sons. Ou seja, a escola é um organismo vivo, que movimenta e transforma a sociedade.

No Brasil, é comum crianças ingressarem na escola, nas chamadas creches, com apenas três meses de idade, antes mesmo de falarem ou andarem. Ao contrário do que muitos imaginam que durante esta fase a escola é só um espaço para brincadeiras e cuidados básicos, é na primeira infância que acontece a base do desenvolvimento da criança como ser humano.

Segundo Machado (2000, p. 196), com base nas pesquisadoras francesas Hardy, Platone, Stambak,

Crianças antes mesmo de se expressarem pela linguagem verbal são capazes de desenvolver raciocínios lógicos e exprimir relações complexas, desde que acompanhadas por iniciativas específicas dos adultos, tais como: apoiar a organização das crianças em pequenos grupos; incentivar a colaboração; dar-lhes tempo para desenvolver temas de trabalho a partir de propostas prévias; intervir para trazer um elemento de conhecimento novo dentro da temática desenvolvida ou estimular as trocas entre os parceiros.

Passamos toda a nossa infância e juventude frequentando a escola. Este é um dos primeiros locais onde somos desafiados a virarmos seres autônomos, construindo nossas relações, encarando problemas e resolvendo conflitos. Até a disputa por um brinquedo com os colegas é uma forma das crianças tentarem conquistar seu espaço e a atenção do professor, que deve estar atento e preparado para intervir e favorecer o aprendizado. Podemos compreender, então, que o conflito é algo inerente ao processo de aprendizagem e da própria vida, favorecendo o desenvolvimento humano.

Assim, podemos analisar que desde a primeira infância a criança necessita de estímulos e acompanhamento pedagógico para se desenvolver integralmente e contribuir para relações sociais saudáveis e boa convivência em sociedade, para se conhecer e construir sua autoestima. Essa aprendizagem pode e deve acontecer através da criação de vínculos e da interação com seus colegas, professor e demais funcionários da escola.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), em seu Art. 2º, a educação, que é dever da família e do Estado, deve ser inspirada na solidariedade humana, tendo por finalidade “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Formar seres humanos, integralmente, desde a educação infantil, para exercer a cidadania, é proporcionar ao aluno que ele desenvolva saberes, habilidades e competências cognitivas e psicossociais para que ele possa conviver e contribuir no meio que vive. Assim, a escola tem o papel de formar alunos pensantes, críticos e atuantes.



Muitos são os desafios enfrentados para que a escola, principalmente a pública, consiga cumprir a essencialidade do seu papel. Os problemas podem ser de estrutura e organização, onde algumas não possuem cadeiras e carteiras nas salas de aula ou espaços físicos adequados para receber os alunos; na gestão de pessoas para organizar o quadro de pessoal, conseguindo professores titulares e substitutos para evitar aulas vagas ou dispensa de alunos; nas salas de aula super lotadas, onde o professor não consegue conhecer e compreender as necessidades individuais dos alunos; nas desigualdades sociais; entre outros.

Dentro da sala de aula, os alunos recebem uma atenção coletiva do seu professor, mas, o professor, deve se atentar e cuidar das particularidades constitutivas dos alunos nas situações de aprendizagem. Cada um traz consigo uma herança cultural, conhecimentos adquiridos durante a vida e a sua bagagem emocional.

Assim, tendo em vista essas e outras questões, nem sempre na prática todos esses conceitos conseguem ser aplicados. Em alguns casos e situações, a escola pode acabar legitimando desigualdades sociais e excluir alunos, reproduzindo a situação de fracasso em que esse aluno se encontra.

Para Bourdieu a criança herda de seus pais um capital cultural que contribui para definir, entre outras coisas, seus saberes prévios e até uma futura capacidade de progredir ou não nos estudos, pois quanto mais elevada for a categoria socioprofissional e, conseqüentemente, o nível cultural dos pais e da família, mais se elevam as probabilidades de êxito escolar da criança.

Para ele, as vantagens e desvantagens sociais são, progressivamente, convertidas em vantagens e desvantagens escolares e o sistema escolar “é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural”. (BOURDIEU, 1999, p. 41).

Charlot (2000) destaca a importância deste conceito, e admite que este foi um grande ganho da sociologia para a educação, mas o declara como incompleto e, até, mistificador, mesmo admitindo que o “fracasso escolar” pode sim ter algo relacionado com as desigualdades sociais. Mas, em seus estudos, ele traz importantes reflexões e contrapontos, como

[...] duas crianças que pertencem à mesma família, cujos pais têm, portanto, a mesma posição social, podem obter resultados escolares muito diferentes. Essa constatação nos lembra que uma criança não é apenas “filho de” (ou “filha de”). Ela mesma ocupa uma certa posição na sociedade. Essa posição tem a ver com a dos pais, mas não se reduz a ela e depende também do conjunto das relações que a criança mantém com adultos e outros jovens. A posição da própria criança se constrói ao longo de sua história e é singular. (CHARLOT, 2000, p. 21)

Por isso, não se pode conceber uma escola que prejudica seus alunos e os segrega ou exclui. Moran afirma que “[...] a educação escolar precisa, cada vez mais, ajudar a todos a aprender de forma mais integral, humana, afetiva e ética, integrando o individual



e o social, os diversos ritmos, métodos, tecnologias, para construir cidadãos plenos em todas as dimensões” (MORAN, 2011, p. 11).

Todos os saberes desenvolvidos nesse processo contribuem para a formação de sujeitos que valorizam as qualidades e as diferenças, promovem a afetividade, o respeito e as relações sociais. Paulo Freire (2008) afirma em seus estudos que para a educação é imprescindível à formação de cidadãos críticos, ativos, sujeitos históricos que intervenham no processo de formação da sociedade.

Para Toro (2019), a escola deve formar alunos com consciência democrática e desenvolver três importantes valores,

Em primeiro lugar, a solidariedade, ou seja, a capacidade de trabalhar bens e serviços que serão desfrutados por alguém que não sou eu. (...) O segundo é a ternura: a capacidade de perceber-se tal como se é e de receber os outros da maneira como eles são. A ternura é a base da convivência democrática. É um conjunto de valores pessoais e sociais que precisa estar fundamentado na pessoa. Finalmente, a capacidade de construir ordem para a dignidade de todos, colocando os direitos humanos como bússola ética para todas as ações, sem exceção.

A escola deve democratizar o acesso ao conhecimento, mas principalmente proporcionar um ambiente que estimule o desenvolvimento social e integral do indivíduo, pautada nas relações sociais, na confiança e afetividade para, assim, possibilitar o desenvolvimento de cidadãos protagonistas, favorecendo a formação da autoestima, contribuindo para a sua relação com o saber e com outros aspectos de sua vida.

Conforme Libâneo, Oliveira e Toschi (2012, p. 437),

As escolas são, pois, organizações, e nelas sobressai a interação entre as pessoas, para a promoção da formação humana. De fato, a instituição escolar caracteriza-se por ser um sistema de relações humanas e sociais com fortes características interativas, que a diferenciam das empresas convencionais. Assim, a organização escolar define-se como uma unidade social que reúne pessoas que interagem entre si, intencionalmente, operando por meio de estruturas e de processos organizativos próprios, a fim de alcançar objetivos educacionais.

O papel da escola atual é preparar seus alunos para que construam essas relações sociais respeitando as diferenças entre as pessoas, sejam elas físicas, intelectuais, raciais, religiosas, de gênero, classe social, ou qualquer outra, e suas atividades e projetos devem ser pautados em conceitos como justiça, respeito, solidariedade, empatia e democracia.

Além disso, um dos objetivos da escola é auxiliar o aluno no desenvolvimento de competências sócio emocionais, para que aprenda a resolver problemas, conflitos, entender sentimentos e lidar com as situações e desafios vivenciados ao longo da vida.

Segundo Charlot, para auxiliar a criança nesse processo, o professor deve praticar uma leitura positiva do aluno, destacando suas potencialidades e características pessoais. “Praticar uma leitura positiva é prestar atenção também ao que as pessoas



fazem, conseguem, têm e são, e não somente àquilo em que elas falham e às suas carências” (CHARLOT, 2000, p. 30).

O professor exerce um papel fundamental em todo esse processo. Um estímulo positivo resulta em um sentimento de apoio e reforça a ação exercida. Isto é, quando a criança experimenta ser amada e aceita do jeito que é, tende a desenvolver uma autoestima mais alta do que as que não receberam esse apoio.

Para Saltini (2008, p. 69),

O educador não pode ser aquele que fala horas a fio a seus alunos, mas aquele que estabelece uma relação e um diálogo íntimo com ele, bem como uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar ideias e colocá-las ao serviço de sua própria vida.

Saltini (2008, p. 81) ressalta que “quando uma criança vai para a escola, não vai apenas para aprender mas também para relacionar-se e para vivenciar o aprendizado como um todo e quem assim a percebe poderá então orientá-la rumo ao amanhã”.

Além de construir um vínculo com o aluno, numa relação afetiva, de respeito e diálogo, o professor deve proporcionar, também, um ambiente que favoreça a criação de laços entre os estudantes, promovendo relações que estimulem a aprendizagem, num espaço de acolhedor e de amizade, tornando as atividades mais prazerosas, onde todos se sintam atuantes, já no espaço escolar, iniciando sua participação cidadã.

Outro contraponto importante para avaliarmos nesse contexto, segundo o que o médico, filósofo e psicólogo francês Henri Wallon sugere, em sua teoria, é ser de suma importância levar para a sala de aula a criança, sem ignorar suas emoções. Ele fundamentou suas ideias em quatro elementos básicos, sendo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu. Para ele, as emoções têm um papel muito importante no desenvolvimento de uma pessoa (NOVA ESCOLA, 2009).

Wallon (1971) se refere à afetividade e à inteligência como elementos indissociáveis ao desenvolvimento humano. Ele enfatiza que a escola deve assumir uma postura que integre a razão e a emoção, numa lógica que compreenda as necessidades afetivas da criança.

Já Galvão diferencia a afetividade da emoção, após realizar uma reflexão sobre as teorias de Wallon:

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações (GALVÃO, 1998, p.61).

Compreendendo que o lado afetivo de um indivíduo não se resume apenas às suas emoções, e a real importância da afetividade, sabe-se que todo ser humano precisa se sentir valorizado. Assim, o papel do professor e do ambiente escolar, que deve ser acolhedor, são muito importantes para que o aluno possa gerar uma boa imagem de si,



possa criar laços e, assim, formar e fortalecer a sua autoestima, agregando novas experiências e conhecimentos.

A CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA E A APRENDIZAGEM

A infância é o período de início de construção da personalidade e, conseqüentemente, da autoestima do indivíduo. Esta é formada com base na convivência da criança com seus pais, familiares, passando pelo convívio escolar, com os amigos e outras pessoas próximas, como resultado do tratamento e reforços positivos e negativos que deles recebe.

Para Craidy e Kaercher (2001, p. 27),

[...] as crianças não são passivas, meras receptoras das informações que estão a sua volta. Através do contato com seu próprio corpo, com as crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a sua auto-estima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem. A articulação entre diferentes níveis de desenvolvimento (motor, afetivo e cognitivo) não se dá de forma isolada, mas sim de forma simultânea e integrada.

A afetividade deve ser foco do professor em sala de aula e deve ser levada em conta e explorada na aprendizagem, pois pode influenciar no desenvolvimento cognitivo dos alunos. Segundo Mendes, Castelano, Martins e Andrade (2017, p. 12), que reforçam a ideia da leitura positiva do aluno explorada por Charlot, “uma formação negativa a partir da família e da escola poderá implicar sérios bloqueios quanto às múltiplas capacidades. Uma formação positiva, por sua vez, servirá de alicerce saudável na busca por conquistas presentes e futuras”.

Segundo o dicionário brasileiro Michaelis (2021), a “autoestima” é o “sentimento de satisfação e contentamento pessoal que experimenta o indivíduo que conhece suas reais qualidades, habilidades e potencialidades positivas e que, portanto, está consciente de seu valor, sente-se seguro com seu modo de ser e confiante em seu desempenho”.

Se a autoestima, que é resultado das relações sociais e da afetividade, estiver baixa, frustrações, preocupações e a falta de confiança afetarão a criança prejudicando a sua aprendizagem. Isso reflete em conflitos dentro da sala de aula. O professor deve ter um olhar acolhedor para minimizar esses impactos. Cury explica que “Ser educador é ser promotor de autoestima” (2003, p. 145), e esta é uma grande responsabilidade.

Assim, podemos entender que o termo autoestima refere-se a um juízo de valor. Segundo Tavares (2002, p. 4 apud FRANCO, 2009, p. 326),

A expressão autoestima, além de trazer implícito o sentido de sucesso e de ser capaz, também traz em seu bojo a visão de um indivíduo que se ajusta às constantes mudanças da realidade. Criticamente, afirma que o senso comum considera que a autoestima: “é definida, assim, como visão positiva incontestável de si mesmo, [de modo que]



acreditar nas possibilidades pessoais é parte das condições do sucesso escolar, sem considerar o contexto e outras dificuldades que possibilitam e dificultam o rendimento escolar”.

Por isso, o professor deve propor atividades que motivem os alunos, explorando diferentes aspectos das aprendizagens, que levem em consideração o que as crianças já sabem, o que gostam e os seus conhecimentos prévios sobre o assunto, propiciando sentidos para as ações educativas. Ao entender seu papel protagonista dentro da educação e da aquisição do conhecimento, o estudante certamente terá sua autoestima elevada.

Assim, conforme Charlot (2000, p. 17) que trata sobre a relação com o saber e os fenômenos empíricos que a expressão fracasso escolar designa, que “o aluno em situação de fracasso traz a marca da diferença e da falta: ele encontra dificuldades em certas situações, ou orientações que lhe são impostas, ele constrói uma imagem desvalorizada de si (...)”.

Alunos com e sem autoestima ocupam lugares diferentes dentro da sala de aula. Ainda segundo Charlot (2000), essas posições trazem consequências para os estudantes que podem ser verificados nas notas, nos indicadores de sucesso, em reprovações e outros aspectos.

Saltini (2008, p. 53) reforça a importância das relações sociais e da afetividade no processo educacional,

Ao falarmos da inteligência e da aprendizagem, precisamos nos referir também, e sempre, à emoção, às ligações e às inter-relações afetivas. Seria impossível entender o desenvolvimento da inteligência sem um desenvolvimento integrado e convergente cada vez maior de nossos interesses e amores por aquilo que olhamos, tocamos e que nos alimenta a curiosidade.

Nesse sentido, é preciso que a escola, então, proporcione um ambiente facilitador, para oportunizar situações em que o aluno se sinta protagonista da sua vida e da sua capacidade de adquirir conhecimento, pois quando a criança tem êxito no que faz, começa a confiar em si e fortalecer sua autoestima. E, quanto mais acredita que pode fazer, mais consegue.

Segundo Souza (2002) a escola está a todo momento buscando novos caminhos e ferramentas para melhorar a qualidade do ensino. Um dos caminhos utilizados é o de oferecer aos seus profissionais formações continuadas para oportunizar o contato com novas metodologias, que sugerem o respeito pela produção do aluno, valorizando o que ele consegue fazer, além de estimular para que ele continue em busca de novos conhecimentos e possa vir a fazer muito mais.

A construção de uma imagem positiva de si e, conseqüentemente, da autoestima, não é somente construída na escola. Mas, segundo Martins (2004, apud FRANCO, 2009, p. 331),

A educação é imprescindível para o desenvolvimento humano. Ela não só constitui uma das condições por meio das quais o ser humano



adquire seus atributos fundamentais ao longo do processo histórico-social, como possibilita o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, tipicamente humanas. Sendo assim, tudo indica que, na constituição do sujeito, esse é um espaço fundamental.

A criança traz consigo sua trajetória de vida e das relações sociais que constrói em seus locais de convívio, sendo na família, na igreja, na rua ou em qualquer outro espaço. Por isso, a escola deve estar preparada para receber alunos heterogêneos, com histórias de vida únicas, que carregam marcas diferentes, possuem sonhos e expectativas distintas para o futuro.

A escola deve conseguir acolher todos os alunos e valorizar cada uma das diferenças. É importante, então, que o professor possa ensinar à criança que ela possui pontos fortes, mas também pontos fracos que podem ser valorizados, sendo normal ter problemas com outras coisas. O aluno deve compreender o seu papel, sendo estimulado a sempre fazer o seu melhor, sem medo de errar. Assim, a autoestima e a relação com o saber estão diretamente relacionadas e devem ser exploradas pelo professor.

Mendonça nos traz uma reflexão sobre os sentidos e significados da escola, para que ela seja humana, com foco numa educação emancipadora em conceitos políticos, sociais e econômicos:

O caos presente na escola expressa, por um lado, a ausência de sentidos que favoreçam o processo emancipador da construção da humanidade em cada indivíduo; por outro, a necessidade de uma relação direta, intencional com o significado social da escola, que não é algo estático, é dinâmico, representativo dos novos conteúdos históricos da sociedade. Pensar a escola como espaço do encontro de sentidos e significados exigirá a elaboração de um projeto social maior, que rompa com a lógica do capital, que tenha na humanização o foco central da emancipação política, social e econômica (MENDONÇA, 2011, p. 355).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da bibliografia estudada, foi possível compreender que a escola possui, como um de seus papéis fundamentais, preparar os seus alunos para enfrentarem os desafios da vida. Mais do que preparar os estudantes para a vida profissional, é na escola onde as potencialidades físicas e socioemocionais são exploradas e evoluem.

Mais do que seguir currículos educacionais e transmitir conteúdos historicamente constituídos de geração em geração, a escola e seus agentes devem questionar-se constantemente, realizando uma gestão democrática e participativa, para ficar sempre atenta às questões coletivas, inclusivas e multiculturais. Além do “bê-a-bá” tradicional, é necessário desenvolver nos estudantes conceitos de construção coletiva de como viver em sociedade.

Saltini (2008, p. 16) reforça em sua teoria a importância do papel da escola, que



Deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuroses por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de sofrimento.

Durante a pesquisa, também foi possível averiguar que a autoestima é resultado das relações sociais e de um conjunto de fatores externos ao indivíduo, que reforçam ou enfraquecem o conceito que se cria de si mesmo, da importância que é dada a si e da posição na relação com o meio. É o modo como a criança se vê interagindo e recebendo os estímulos de volta. É mais que somente "gostar-se", é sentir-se capaz, sentir-se protagonista de suas ações, de suas aprendizagens e de sua vida.

A autoestima é fundamental na relação com o saber, pois transforma o aluno em um sujeito ativo, quando inserido dentro de um ambiente saudável, onde ele é capaz de tomar decisões, ser ouvido e sentir-se valorizado, levando-o a acreditar em si e na sua capacidade.

Assim, todo esse processo é fundamental e a autoestima é um aspecto considerável entre aprender ou não aprender. Segundo Charlot (2000, p. 63), adquirir saber oferece um domínio do mundo do qual se vive, para conseguir comunicar-se com outros e partilhar o mundo com eles,

Não há sujeito de saber e não há saber senão em uma certa relação com o mundo, que vem a ser, ao mesmo tempo e por isso mesmo, uma relação com o saber. Essa relação com o mundo é também relação consigo mesmo e relação com os outros.

O professor, assim como a família e o meio no qual o sujeito está inserido, impacta diretamente na formação da autoestima. Reforços positivos contribuem com incentivos que levam o aluno a se conhecer, a se gostar, a perceber suas qualidades e a acreditar no seu valor, com base no diálogo e respeito. Se esses objetivos forem alcançados, os estudantes terão mais chances de ter sucesso na aprendizagem proposta.

Para Tacca, as relações de confiança e a criação de vínculos são essenciais para o processo de aprendizagem.

A relação de confiança implica a valorização e a compreensão mútuas. Nas situações que envolvem o aprender, torna-se inevitável a ideia de que uma falta, um equívoco, uma falha faz parte do processo, e que analisar e compreender a situação ou o caminho tomado implica uma aprendizagem mais aprofundada, pois se domina e se controla o que levou ao erro e o que pode levar ao conhecimento pretendido. Esse trânsito se consegue pela ajuda colaborativa, que viabiliza o pensamento motivado. Para o aluno implica, ainda, perder o medo de errar, o que aprisiona sua ação, imobilizando-o e impedindo-o de realizar tentativas e de alcançar as condições para se tornar sujeito de sua aprendizagem. (TACCA, 2019, p. 141)

É importante refletirmos, então, sobre o papel da escola, do professor e das relações sociais. É preciso ter cuidado ao criticar, não se deve culpar, rejeitar, humilhar,



frustrar, expor o aluno ou seus erros, dividir ou categorizar, dando rótulos de mais ou menos inteligentes. É preciso dar oportunidades de falar, de construir conhecimento e de falar. Entender que cada ser é único e merece ser ouvido. Assim, ele formará um conceito positivo de si mesmo. Charlot (2000, p.70) ressalta,

Por fim, aprender pode ser também aprender a ser solidário, desconfiado, responsável, paciente...; [...]; em suma, a “entender as pessoas”, “conhecer a vida”, saber quem se é. Significa, então, entrar em um dispositivo relacional, apropriar-se de uma forma intersubjetiva, garantir um certo controle de seu desenvolvimento pessoal, construir de maneira reflexiva uma imagem de si mesmo.

Não existe uma receita pronta de como o professor e a escola devem receber e trabalhar com os alunos. Nem sempre é possível realizar tudo o que os profissionais almejam. Vivemos em um mundo onde as mudanças acontecem de maneira muito rápida e, é exigido de nós nos adaptarmos na mesma velocidade.

A Educação também mudou, assim como os alunos do século XXI tem expectativas e exigências diferentes a serem trabalhadas dos que os do século passado. Assim, a pedagogia deve sempre estar focada também na área emocional. Neste sentido, Paulo Freire (2008 p. 35) menciona que: “Ensinar exige risco, aceitação ao novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”.

Se conseguirmos trabalhar a elevação da autoestima, o que requer estudo, paciência, disposição e vontade por parte do professor, que deve conhecer bem seus alunos e descobrir e estimular as suas potencialidades, teremos cidadãos mais preparados para encarar os desafios do mundo, com mais respeito ao próximo, solidariedade e confiança.

REFERÊNCIAS

MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Melhoramentos, 2021. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=1Djm>>. Acesso em: 15/03/2021.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, LDB. 9394/1996.

BOURDIEU, P. *A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*. In NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. *Escritos de Educação*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHARLOT, B. *Da Relação com o Saber: Elementos para uma Teoria*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

CRAIDY, C. KAERCHER, G. E. (Orgs). *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

CURY, A. J. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.



FRANCO, A. F. *O mito da autoestima na aprendizagem escolar*. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), volume 13, número 2, julho/dezembro, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pee/v13n2/v13n2a15.pdf>>. Acesso em: 15/03/2021.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa*. 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GALVÃO, I. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas, SP: Papirus, 2003. Disponível em: <<http://paginapessoal.utfpr.edu.br>>. Acesso em: 15/03/2021.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MACHADO, M. L. A. *Desafios iminentes para projetos de formação de profissionais para educação infantil*. Cadernos de Pesquisa, nº 110. São Paulo: 2000.

MENDES, D. C.; CASTELANO, K. L.; MARTINS, L. M.; ANDRADE, C. C. F. *A influência da autoestima no desempenho escolar*. Revista Educação em Debate. Rio de Janeiro: 2017.

MENDONÇA, S. G. L. *A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico*. Cad. Cedes, Vol. 31, n. 85, p. 341-357. Campinas: 2011.

MORAN, J. M. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

REVISTA NOVA ESCOLA. *Henri Wallon: O educador integral*. Edição Especial:

Grandes pensadores. São Paulo: Abril, n.25, jul. 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7229/henri-wallon#=_>. Acesso em: 26/02/ 2021.

SALTINI, C. J. P. *Afetividade e Inteligência*. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

SOUZA, C. M. M. *A afetividade na formação da auto-estima do aluno*. Monografia Curso de Pedagogia. Belém-PA: Centro de Ciências Humanas e Educação da UNAMA, 2002. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8725079-Celia-ma-moraes-de-souza-aafetividade-na-formacao-da-auto-estima-do-aluno.html>>. Acesso em: 15/03/2021.

TACCA, M. C. V. R. *As relações sociais como alicerce da aprendizagem e do desenvolvimento subjetivo: uma abordagem pela Teoria da Subjetividade*. In:

MARTÍNEZ, A. M. et al (Org.) *Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade - Discussões Sobre Educação e Saúde*. Coleção Biblioteca Psicopedagógica e Didática.

Série Ensino Desenvolvimental. Volume 7. Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2019. Disponível em:



<http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/ebook_epistemologia_qualitativa_2019.pdf#page=130>. Acesso em: 15/03/2021.

TORO, B. *Bernardo Toro: educação e paradigma do cuidado*. [Entrevista concedida a] João Marinho e Suzana Camargo. Portal CENPEC Educação. Disponível em: <<https://www.cenpec.org.br/tematicas/bernardo-toro-a-educacao-e-o-paradigma-docuidado-professorempauta>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2021.

TORO, B. *Precisamos de cidadãos do mundo*. [Entrevista concedida a] Paola Gentile. Nova Escola, São Paulo, 149 ed. 2002.

WALLON, H. *As Origens do Caráter na Criança*. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1971.